

Falta de apoio à família amplia efeito da crise na natalidade

Crise Natalidade cai para mínimo de 1900. Mesmo com medidas de estímulo, sociólogos não esperam inversão na próxima década.

Inês David Bastos
ines.bastos@economico.pt

A taxa de natalidade voltou a cair o ano passado, atingindo o valor mais reduzido desde 1900 e as mulheres continuam a adiar cada vez mais a idade para terem filhos. A tendência têm-se agravado nos últimos anos e especialistas ouvidos pelo Diário Económico não acreditam numa inversão na próxima década, devido à crise e à ausência de uma estratégia de apoio às famílias. Para agravar a situação, o número de imigrantes está também a baixar.

Os dados constam da síntese demográfica do Instituto Nacional de Estatística (INE), ontem divulgados, e retratam uma realidade que há muito preocupa os sociólogos e economistas pelo impacto negativo que terá nas próximas gerações. “Isto vai levar a um envelhecimento da população e não haverá gerações suficientes para entrar no mercado de trabalho e assegurar o sistema de Segurança Social e o pagamento de pensões”, diz José Manuel Mendes, especialista no Centro de Estudos Sociais.

“

Como estamos em Portugal [em políticas da família] não há hipótese de inverter a queda da natalidade.

José Manuel Mendes
Sociólogo

O ano passado a taxa de natalidade desceu de 9,2 para 8,5 nados-vivos por mil habitantes e o nível de fecundidade quebrou de 1,35 para 1,28 crianças por mulher, quando o necessário para a substituição de gerações era de 2,1 filhos por mulher. Em 2012 nasceram 89.841 bebés, quando no ano anterior tinham nascido 96.856.

José Manuel Mendes diz que “esta tendência é pesada” e vem dos anos 60 do século passado, lembrando que a queda da taxa de mortalidade infantil também levou a natalidade a baixar. Para este sociólogo, só a aplicação imediata de medidas de apoio e incentivo às famílias e a promoção da imigração é que poderiam ajudar a inverter a situação. Ainda assim, diz, os efeitos só se fariam sentir entre cinco a dez anos. Mas José Manuel Mendes lembra que o orçamento do Estado para 2014 não têm uma única medida neste sentido e não tem dúvidas em afirmar “que a situação em Portugal é muito difícil”.

A grande questão, acentua, “está na classe média”. E esta mesma classe média é a que está “a sofrer mais com a crise”, o que acentuará mais ainda a quebra da natalidade para os próximos anos. “Como estamos não há hipótese de inverter esta situação”, vaticina o professor na Faculdade de Economia de Coimbra, que aponta como políticas públicas urgentes a criação de incentivos à natalidade, a manutenção do abono de família, a flexibilização da guarda entre pai e mãe e a flexibilização do trabalho. ■

REGIÃO NORTE DO PAÍS: ONDE NASCEM CADA VEZ MENOS BEBÉS E DE ONDE SE EMIGRA MAIS



Economia portuguesa regista a maior vaga de emigração desde

No ano passado emigraram 121.418 pessoas: foi a maior vaga de emigração desde 1960.

Margarida Peixoto
margarida.peixoto@economico.pt

A falta de apoio no desemprego é um dos motivos que tem empurrado muitos jovens para fora de Portugal. No ano passado, registou-se a maior vaga de emigração desde 1960, mostram os dados revelados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística.

Em 2012, saíram 121.418 pessoas do país. Destes, quase 52 mil foram já com a intenção de permanecer fora de Portugal por mais de um ano. Os restantes 69,5 mil emigrantes indicaram que o objectivo seria ficar fora temporariamente – mais de três meses, mas menos de um ano. Comparando o número to-

tal de saídas com os registos desde 1960 – disponíveis no portal Pordata, com base em dados do INE – verifica-se que esta é a maior vaga de emigração desde pelo menos 1960.

Os dados disponíveis apre-

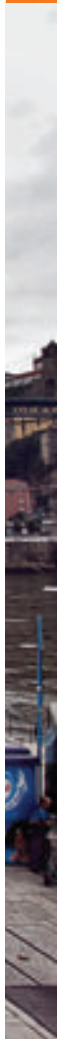
“

Um jovem desempregado em geral não recebe apoios públicos para ter algum rendimento enquanto procura emprego.

Pedro Martins
Professor na Universidade de Londres e ex-secretário de Estado do Emprego

sentam duas interrupções (entre 1989 e 1991, e entre 2004 e 2007), mas nem nos anos 80, nem na primeira década de 2000 se registaram fluxos com ordens de grandeza se quer próxima do que se verifica agora. Os dois únicos anos comparáveis são 1966, quando emigraram 120.239 pessoas, e 2011, quando se registaram 100.978 saídas.

A explicar esta vaga de emigração está, desde logo, a crise económica. Mas não só. “Um jovem desempregado em geral não recebe apoios públicos para ter algum rendimento enquanto procura emprego”, frisa Pedro Martins, ex-secretário de Estado do Emprego, ao Diário Económico. É por isso que o especialista em mercado de trabalho e professor na Universidade de Londres defende que este é um dos motivos que em-



A região Norte do país é onde nascem mais bebés? Até 2011 era - mas os dados mais recentes do INE, relativos ao ano passado, mostram que agora é na região de Lisboa que nascem mais pessoas (29313 face a 28719 no Norte). Em Portugal continental foi o Norte, profundamente afectado pela crise, que mais perdeu no campeonato da natalidade (-9% de 2011 para 2012, -16% se recuarmos a 2007). Incluindo as regiões autónomas, a Madeira lidera nas perdas (25% desde 2007). No campeonato da emigração é também do Norte que saem os maiores fluxos para o exterior - com a crise como pano de fundo, os dois factores parecem estar relacionados.

1960

purra os jovens para a emigração. “Por outro lado, em alturas de crise as empresas portuguesas reduzem muito mais as suas contratações em relação ao que acontece em outros países com legislações laborais mais flexíveis”, acrescenta ainda Pedro Martins. Nestes países, garante o ex-secretário de Estado, “o mercado de trabalho continua a funcionar, o que é especialmente importante para aqueles que estão a procurar emprego pela primeira vez, como os jovens”.

Mas esta não será a única razão que leva a um número mais elevado de saídas do país. A própria globalização, e as oportunidades de emprego que surgem noutros países melhores posicionados do que Portugal são também um impulso para a saída, acrescenta Pedro Martins. ■